

MANUAL DE ARTE PRÉ-HISTÓRICO

José Luis Sanchidrián, Editora Ariel, Barcelona, 2009

Marilia Perazzo¹

<https://orcid.org/0000-0003-4086-2476> / mariliaperazzo@hotmail.com

José Luis Sanchidrián
**Manual
de arte
prehistórico**
Ariel Prehistoria

154

Palavras-chave: Arte pré-histórica; Arte rupestre; Pré-história européia.

¹ Departamento de Arqueologia, UFPE.

Esta obra se caracteriza como um dos manuais mais densos e recomendáveis para estudo da arte rupestre pré-histórica europeia. Teve sua primeira impressão em outubro de 2001, pela Editora Ariel S.A. José Luis Sanchidrián Torti é professor titular da Universidade de Córdoba (Espanha), e atua em três linhas de investigação: Arte pré-histórica, Sociedades do Pleistoceno Superior e Arqueologia Subterrânea.

O livro está dividido em quatro partes, tendo como fio condutor a discussão sobre os conceitos fundamentais utilizados no estudo da pré-história e, com maior ênfase, da arte, seja ela móvel, seja ela executada sobre suportes rochosos em cavernas ou áreas abrigadas dos períodos Paleolítico, Epipaleolítico, Neolítico e Calcolítico europeu.

A arte móvel ou mobiliária do Pleistoceno Superior europeu é o primeiro conjunto artístico a ser abordado na obra, os quais englobam objetos com pelo menos uma grafia ou representação elaborada por grupos humanos, os quais podem ser transportados por uma pessoa de complexão média, sendo possível serem levados para territórios mais distantes do seu lugar de produção original. Estas peças podem ter sido fabricadas, transformadas ou usadas, possuindo tamanhos diferenciados, natureza e complexidade figurativa e de funcionalidade distintas. Para analisar este conjunto artístico de caráter móvel, o autor estabelece um método de análise, com base no estudo do suporte, desde a sua natureza (orgânico ou não orgânico), os tipos de objetos e sua funcionalidade, sejam eles de uso cotidiano como azagaias, arpões, propulsores, agulhas, sejam relacionados a adornos como braceletes, contas, impulsos, sejam de cunho religioso ou ideológico, quando não se pode classificar a arte móvel em relação a sua funcionalidade e seu provável destino.

A análise da técnica decorativa das peças está diretamente relacionada ao tipo de suporte utilizado, onde a preparação da área a ser utilizada e os traços elaborados terão aspectos diferenciados a depender do suporte (pétreo, ósseo ou marfim). Os tipos de temas abordados estão relacionados a figuras antropomórficas, sejam masculinas ou femininas (vênus), zoomórficas e ideomorfos.

Tomando como base de discussão as questões técnicas e temáticas, Sanchidrian inicia uma análise acerca das pinturas rupestres paleolíticas e gravuras rupestres dos períodos Neolítico e Calcolítico. Diferente da arte mobiliária, para acessar a arte rupestres paleolíticas faz-se necessário adentrar nas grutas e cavernas. Nesse universo arqueológico, onde há diversas variáveis importantes para o estudo arqueológico intra-sítio e extra-sítio. Por estarem fixas sobre os suportes rochosos no interior das grutas e cavernas, elas possuem um caráter de imobilidade, não sendo possível de serem transportadas por diferentes territórios como consequência de contatos entre pessoas.

No entanto, vale salientar que estas são resultado das construções culturais e simbólicas dos grupos que por ali passaram. Nesta perspectiva, as similaridades e diferenças gráficas remetem aspectos socioculturais importantes, os quais se expressam materialmente nos painéis rupestres.

Inicia sua discussão diferenciando as técnicas de elaboração para produzir as representações figurativas parietais, sendo elas resultantes de três categorias de sistemas técnicos: a adição, a subtração e a modificação. A técnica aditiva está relacionada à elaboração de desenhos e pinturas, por meio da adição de pigmento por meio da elaboração de diversos tipos de traços, sejam eles monocromáticos ou policromáticos. A técnica subtrativa está relacionada aos diversos tipos de gravados e frisos esculpidos em baixo relevo. Já a técnica de modificação está voltada, no Paleolítico superior, aos sistemas politécnicos, onde exploravam os diversos recursos técnicos que conheciam e que puderam desenvolver com sua tecnologia. Neste a combinação das gravuras e das pinturas, mesmo cada uma possuindo técnicas que podem expressar distintos modos de execução.

156

Uma parte importante do livro é a descrição e análise dos temas (antropomorfos – figuras femininas e masculinas -; zoomorfos e ideomorfos), das técnicas de elaboração e das composições gráficas das pinturas e gravuras rupestres, possibilitando assim, identificar tipos gráficos e levantar hipóteses acerca do povoamento de determinadas regiões e dos intercâmbios culturais que porventura tenham ocorrido.

As pinturas e gravuras rupestres pré-históricas foram, desde o século XIX, discutidas e analisadas com base em posturas teóricas diferenciadas. O autor aborda de forma clara e didática as diversas concepções e interações que estas posturas teóricas possuem no âmbito acadêmico, as quais estão presentes, de forma adensada, na bibliografia arqueológica, permitindo diversas análises de cunho interpretativo. Observam-se no decorrer dos estudos sobre os registros rupestres diversas percepções teóricas, as quais partem de meros desenhos efetuados por grupos humanos ociosos até vestígios importantes que abordavam o mundo simbólico de grupos pré-históricos. Nesse contexto, observa e descreve diferentes interpretações acerca da arte do Paleolítico europeu, as quais influenciaram sobremaneira as pesquisas no Brasil. As diversas visões e buscas de significados para os códigos estão inseridas na história do pensamento arqueológico e aportadas nas seguintes percepções: arte pela arte, totemismo, a perspectiva estruturalista e a dicotomia sexual, o xamanismo e as formas de comunicação social.

A arte pré-histórica foi durante muito tempo retratada como pré-arte ou paleoarte, onde o cunho estético era predominante. Outras interpretações tomaram força no decorrer do final do século XIX e início do século XX, como o totemismo e a magia simpática. A arte do paleolítico (ou arte parietal e arte móvel) está baseada no estudo interpretativo advindo de caráter decorativo e ocioso, a arte como ornamentação do lugar em que se vive. As primeiras interpretações foram propostas por E. Lartet, H. Christy e E. Piette, baseados na arte móvel. Estes pesquisadores argumentaram que os grupos humanos os elaboraram não foram movidos por sentimentos de caráter religioso em nenhuma de suas ações, pois, como os humanos do paleolítico, mesmo sendo considerados simples pela influência do evolucionismo, não poderiam ter pensamentos tão “elaborados”.

As visões mágico-religiosas e o totemismo foram intensamente discutidos no início do século XX. Ainda inseridas em um contexto mágico e religioso, foram elaboradas as relações entre os grupos humanos e seu meio natural (fauna e flora), o culto aos antepassados, a vinculação do indivíduo ao totem com o clã e o totem sendo o símbolo que identificava cada grupo.

Outras posições teóricas distintas foram elaboradas por A. Laming-Emperaire (1962) e Leroi-Gourhan (1971). Ele trouxe novos métodos no estudo para a arte pré-histórica, baseados em hipóteses para a revisão temática das representações, a contextualização dos temas observados, nas distribuições e localizações de animais e signos no espaço gráfico e as associações entre eles. Para eles as razões fundamentais da expressão artística estavam baseadas em um dispositivo iconográfico do qual a simbologia dos elementos sexuais opostos organizava o mundo ideológico e das crenças dos grupos humanos da Pré-história. A dicotomia sexual representada pela oposição de elementos que o autor considera masculinos (cavalo e signos alongados) e femininos (bisão e signos cheios), respondeu, a uma organização do esquema mental dos humanos do Quaternário e do ambiente de caverna, que foi considerado por Leroi-Gourhan como um santuário.

Na segunda metade do século XX, novas abordagens rupestres começaram a surgir. As discussões sobre o significado dos símbolos continuaram sendo o fio condutor dessas discussões. A Neuropsicologia e o Xamanismo, o uso de alucinógenos e os estados alterados de consciência, são algumas linhas de pesquisa que se destacaram nesse período. Um outro direcionamento conceitual e teórico utilizado foi a concepção de que os grafismos rupestres pré-históricos são compreendidos como formas de comunicação social (Leroi-Gourhan, 1984).

158

A obra de Sanchidrian é, sem dúvida, uma leitura obrigatória para quem pesquisa ou pretende pesquisar sobre grafismos rupestres pré-históricos. Por meio de uma narrativa construída sobre um método de análise dividido em etapas técnicas (análise dos tipos de suporte e traçados), relacionadas aos temas (antropomorfos, zoomorfos ou ideomorfos) e as composições gráficas, o autor elabora uma cartografia técnico-temática das figuras existentes no âmbito do paleolítico superior europeu, fornecendo subsídios metodológicos para pesquisadores de outras áreas arqueológicas.